

Kant e a educação

Dom Lourenço de Almeida Prado *

Há uma frase de Kant — “o homem só se torna homem pela educação” — que venho citando com certa frequência, não só por exprimir, de modo lapidar, uma verdade sumamente característica da grandeza e miséria humanas, mas também porque oferece um bom ponto de partida para avaliar o significado da educação na plenificação dessa criação perfectível, que é o homem.

Em recente palestra, no Conselho Federal de Educação, num simpósio sobre alfabetização, à guisa de afirmação básica para abrir reflexões sobre “o ler e o escrever” como direito indeclinável do homem de hoje, que vive uma civilização letrada, repeti a citação de Kant, como repeti ditos equivalentes de Maritain, do pesquisador espanhol Delgado, de meu antigo abade D. Tomás Keller, de Helena Keller, de Marquerite Duras, bem como uma sugestiva situação criada por Ionesco, no seu *Rinoceronte*, quando mostra a perda da palavra como sinal decisivo da perda da humanidade e da entrega final e acabada à animalidade do rinoceronte.

Como todas essas referências foram aproveitadas, com algumas idéias daí derivadas e outras idéias do próprio conferencista que daí, a nosso ver, não derivam, por um ilustre homem do governo e político, veio-me à mente aprofundar o exame do pensamento de Kant sobre a educação. Cabe dizer, inicialmente, que a citação de Kant não foi tirada da *Crítica da Razão Pura*, título mais divulgado da obra do filósofo Königsberg (não de Stagira, terra de Aristóteles). A citação é da *Uber Pädagogik*, reunião de quatro cursos ministrados na Universidade, alguns anos antes da publicação daquele livro, editada em 1803, pelo seu discípulo Rink, e que me foi acessível pela tradução francesa, intitulada *Reflexions sur l'éducation* precisamente na pág. 73, tanto da edição de 1966 como na de 1987.

Kant não é, como se pode presumir, um autor que frequento, mas não posso negar que a leitura de suas *Reflexões sobre a educação* é não só proveitosa, mas é sumamente sugestiva. Sem abusar do paradoxo, direi que, nesse pequeno livro, tudo está errado e tudo está certo. Errada é a base do pensamento kantiano, negação da capacidade da inteligência hu-

mana de atingir a coisa em si, o seu irrealismo, a sua moral voluntarista do dever, que tanto ressoa sobre a educação e, num plano mais experimental (ou vivencial, como se prefere hoje), a sua visão meio ingênua (ao menos, em confronto com os grandes pesquisadores de nosso tempo) do costume dos animais e da situação do homem nesse contexto. Sobre esse fundo falso, Kant nos apresenta indicações muito bem observadas, que, por serem hauridas de pressupostos incorretos ou falsos, adquirem um valor dobrado de veracidade.

Assim é essa frase, que chamei lapidar: “O homem só se torna homem pela educação”. Kant, para chegar a ela, parte de uma comparação entre o desenvolvimento do homem e o desenvolvimento dos animais. Evidentemente, Kant não tem o olhar seguro de um Konrad Lorenz ou de um Nikolaas Tinbergen, esses fundadores da ciência sobre os costumes dos animais, a Etologia, ambos prêmio Nobel em Biologia e Medicina. Seu olhar é, como disse, mais ingênuo: percebe que os animais são adestráveis, mas não educáveis, embora se perturbe, um pouco, ao ver um pardal aprender o canto do canário, mas não chega a hesitar sobre a natureza inteiramente diferente desse “aprendizado” e o do filho do homem. Assim Kant observa a diferença entre instinto e inteligência — esse aprender que vem de dentro, vem de capacidades germinais que se desenvolvem por si, com apenas a ajuda do mais velho, que é precisamente a ação educativa. O cisne nasce sabendo nadar, o homem nasce, a um tempo, com tudo (potencialmente) e com nada (atuante). Nasce para vir a ser, para educar-se. E mais. Só se torna homem pela educação. Sem educação fica mais bruto que o bruto.

No meio dessa apreciação comparativa, Kant assinala a diferença entre ser domado e ser esclarecido. Mesmo na busca da “disciplina” (que, para Kant, é uma fase que precede a “instrução”), a criança deve ser ajudada a perceber que o mal ou o vício não deve ser evitado por ser uma coisa proibida, mas porque é odioso (Pág. 83). Mesmo tendo da lei a idéia (que, infelizmente, vigora hoje, em nosso pensamento de positivismo jurídico) de que é algo criado pela mente (e não radicado na natureza em si), Kant admite que, num primeiro momento, a lei se cumpre com

constrangimento, mas o objetivo da educação é a liberdade, isto é, a adequação à lei pela consciência interior de que ela é a expressão do bem. Nesse caminho faz uma reflexão que parece de nossos dias: “é preciso deixar a criança livre em todas as coisas desde a primeira infância (exceto aquilo que pode ser perigoso, como uma faca afiada, ou o que prejudique a outros)” (Pág. 88).

É digna de nota essa preocupação com a liberdade — “O homem privado de educação não sabe servir-se da liberdade” (Pág. 88). Dirá, neste século XX, o pesquisador Delgado: “o homem nasce escravo; é pela educação que se torna livre”.

Respondendo, por antecipação, aos Paulo Freire que andam por aí: “É preciso cessar de ensinar pensamentos; é preciso ensinar a pensar (Cf. pág. 83). Toda educação é meio socrática, isto é, uma ajuda para que nasça o pensamento. Todos devemos ser até certo ponto autodidatas. O melhor aprendizado é aquele que se aprende por si mesmo (Pág. 119).

Como se vê, o filósofo percebeu, há 200 anos, que educação não é um processo de conscientização, como quer, hoje, a chamada educação libertadora, mas é uma ajuda à inteligência, para que conquiste, de dentro para fora, a capacidade de escolher e ser livre.

E para concluir este rápido apanhado, beliscando aqui e ali a obra educacional de Kant, cabe bem esta frase do filósofo: “Nada mais ridículo de que uma sabedoria de velho numa criança” (pág. 108).

Hoje, nós podíamos dizer, diante do que vemos por aí: nada mais belo do que uma criança, nada mais ridículo do que um velho infantil, isto é, que um velho que, para se apresentar como atualizado e progressista, fala em falsete, imitando a linguagem imatura de um pré-adolescente, como o pai que em vez de ser pai quer ser o amigo do seu filho.

A frase de Kant mostra claramente que educação não é *dressage*, não é domesticação, não é obter, por via de constrangimento ou de automatismos, uma atitude exterior de maduro, sem a maturidade interior. É de dentro que saem as boas maneiras.

A educação pode, em certo momento, usar, a título provisório, o constrangimento, mas não de tal modo que possa conduzir à escravidão (Cf. pág. 111).